

GLOBALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL NO ESTADO DA BAHIA

*SYLVIO BANDEIRA DE MELLO E SILVA**

*BARBARA-CHRISTINE NENTWIG SILVA**

Resumo

O mundo de nossos dias é caracterizado, de um lado, pela globalização, ou seja, pela integração, e, por outro lado, pela fragmentação, isto é, pelo esforço de valorização de suas partes. Estas idéias são aplicadas à realidade do Estado da Bahia enquanto uma unidade espacial, tentando detectar o seu comportamento econômico-espacial diante da nova dinâmica externa. Assim, o trabalho mostra as mudanças nas relações econômicas da Bahia onde se constata um grande esforço para uma maior inserção no contexto nacional e nos mercados globais. Isto tem trazido mudanças na estruturação espacial do Estado através, de um lado, da ampliação da centralização econômica da Região Metropolitana de Salvador, em grande parte, graças ao papel do turismo e lazer. Mas, por outro lado, há importantes exemplos de dinamização de outras regiões, como no Extremo Sul (complexo floresta-indústria de papel e celulose e turismo), Litoral Sul (turismo e alta tecnologia na região de Ilhéus-Itabuna), Oeste (agro-indústria de grãos) e Baixo Médio São Francisco (agro-indústria com base em projetos de irrigação). As perspectivas econômico-espaciais são apresentadas em forma de um cartograma.

Palavras-chave: Globalização/fragmentação, reestruturação territorial, Estado da Bahia

* Professores do Mestrado em Geografia da UFBA e pesquisadores do CNPq.

Abstract

Globalization and Territorial Changes in the State of Bahia

The world today is characterized both by globalization, that is, by integration in a planetary scale, and by fragmentation, that is, by valorization efforts of its parts. These ideas are applied to the reality of the State of Bahia as a spatial unity, trying to reveal its spatial economic behaviour facing the new external dynamics. Thus, this paper shows the changes in the economic relations of Bahia where an effort for a greater insertion in the national context and in the global markets is detached. This has caused changes in Bahia's spatial structure expressed by the economic expansion of the Salvador Metropolitan Region, due mostly to the tourism and leisure industry. But there are also important examples of regional growth in other parts of the State, like in the Coastal South extremity (with the complex forest-paper industry), Center Coastal area (with tourism and high technology industry), West Region (with agro-industry of grains) and in the Lower Middle São Francisco (with agro-industry based on irrigation projects). The spatial economic perspectives are presented cartographically.

Key-words: Globalization/fragmentation, territorial changes, State of Bahia.

O mundo de nossos dias tem se caracterizado por um rápido, dinâmico e generalizado processo de integração abrangendo elementos econômicos, políticos, culturais, sociais e ambientais.

Se antes das importantes e recentes mudanças no Leste europeu, WALLERSTEIN (1979 e 1984) já falava polemicamente na existência de um só sistema econômico para o mundo todo, após os acontecimentos de 1989/91 isto tornou-se de uma clareza meridiana. “Há somente *um* sistema social e por isso somente *um* modo de produção atual - o sistema capitalista mundial”. (WALLERSTEIN, 1984, p.165; o grifo é do autor da citação). Da mesma forma, a frase pioneira do candidato derrotado à Presidência dos Estados Unidos, Wendell Wilkie, na conturbada década de 30, “o mundo é um só”, transformou-se efetivamente, agora mais do que nunca, em uma realidade total. Assim, GIDDENS (1991, p.69) define globalização como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por

eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. CASTELLS, por sua vez, contribui com a perspectiva da integração global em tempo real, valorizando o impacto da revolução técnico-científico nos meios de comunicação. “É uma economia onde os fluxos de capital, mercados de trabalho, mercados de *commodities*, informações, matérias primas, gestão e organização são internacionalizados e totalmente interdependentes através do planeta, embora em uma forma assimétrica, caracterizada pela desigual integração ao sistema global pelas diferentes áreas do planeta” (CASTELLS, 1992, p.5). É importante agregar aos fluxos acima apresentados os fluxos de pessoas, particularmente representados pelo turismo internacional em rápida expansão nos últimos anos. LOJKINE (1995) também valoriza, embora por um outro caminho, a questão da informação defendendo a idéia da implantação da “revolução informacional” que passa progressivamente a substituir a revolução industrial, fazendo emergir uma “civilização pós-mercantil”. Já HARVEY (1992, p.219) afirma, com segurança, que estamos assistindo a uma “compressão têmporo-espacial”, ou seja, a “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos”. Ele ainda argumenta, com base em Marx, que uma das características dinâmicas do capitalismo tem sido “a aniquilação do tempo pelo espaço”, ou seja, uma propensão para acelerar a rotação do capital segundo também o que foi denominado, na Geografia, de “convergência têmporo-espacial” (JANELLE, 1969; v. também SILVA, 1982).

Desta forma, tem havido uma aceleração do ritmo de vida, por exemplo, com as profundas transformações políticas e geopolíticas a partir de 1989, e tem havido uma superação cada vez maior das barreiras espaciais em escala planetária. O mundo parece, assim, ter “encolhido” sendo hoje muito “menor”, mais unido e aceleradamente dinâmico. Por conseguinte, é a globalização, de um lado, que caracteriza fortemente o mundo de nossos dias. Mas, paradoxalmente, o mundo atual é também caracterizado, por outro lado, pela fragmentação, ou seja, pela sua subdivisão em partes menores que buscam valorizar suas identidades e seus papéis no contexto global. Caso contrário, poderia haver um enfraquecimento de suas posições relativas e até o desaparecimento, em casos extremos, diante do impacto de processos externos, cada vez mais poderosos. Em outras palavras, a globalização não anulou as unidades menores que compõem o todo maior, passando a ocorrer um dinâmico realinhamento.

Assim, segundo vários autores, a globalização contribuiu justamente para reforçar a importância dos lugares e das regiões. É a questão da “globalidade *versus* localidade” (KUKLINSKI, 1990), ou, colocada de uma outra forma, do “*continuum* local-global” (MEYER *ET AL.* 1992). Ou ainda, como bem colocou SANTOS (1988, p.46-47) “quando mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Neste sentido, “a globalização constitui [...] a amplificação

em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos [...]; com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único “mundo” e assiste-se a uma refundição da “totalidade-terra”” (SANTOS, 1994, p.48). Já Tuan acaba de lançar um livro (1996), sugestivamente intitulado “*Cosmos and Hearth*” (O Cosmos e a Lareira), em que reafirma sua fé em uma visão mundial cosmopolita, propondo um conceito revisado de cultura como a “lareira cosmopolitana” que mantém a intimidade mas não a estreiteza e o beatismo de uma tradicional lareira.

Por outro lado, se dos movimentos ambientalistas surgiu uma expressão que ficou famosa, “pensar globalmente, agir localmente”, agora surge dos diversificados movimentos sociais em nível local e/ou regional a expressão “pensar localmente, agir globalmente” (NAISBITT, 1994). Isto significa não só uma mudança na ênfase temática, do ambientalismo aos problemas de desenvolvimento local/regional, ambos em um contexto global, mas, também, e sobretudo, um redirecionamento no processo de reflexão-ação que do global-local passa para o local-global.

É neste novo e instigante contexto de idéias que se insere este trabalho. O objetivo é o de, assumindo estrategicamente o Estado da Bahia como uma unidade espacial para fins de análise (uma região formada por um conjunto de lugares e sub-espacos que guarda uma certa identidade e determinados níveis de articulação), explicitar análises que possam esclarecer os seguintes aspectos: (i) as mais importantes mudanças nas formas de articulação/rearticulação dos elementos econômicos e sociais do Estado da Bahia e (ii) as diferenciadas repercussões espaciais dos poderosos processos de globalização no espaço baiano. No caso brasileiro, a análise do caso baiano é extremamente relevante na medida em que destaca os novos problemas de uma *periferia dinâmica* diante dos processos de globalização.

Desta forma, o trabalho assume que ocorreram na Bahia recentes e importantes mudanças na *indução externa*, ou seja, ao nível das demandas nacionais e internacionais e que isto provocou também relevantes alterações na *indução interna*, ou seja, ao nível do uso de recursos para a determinação da oferta local/regional. Assim, será possível explicar a nova territorialidade da Bahia no contexto da globalização.

1. MUDANÇAS GERAIS NAS ARTICULAÇÕES ECONÔMICAS DO ESTADO DA BAHIA

Para a melhor compreensão das transformações em curso no território baiano, como decorrência e por força dos processos de globalização, é importante pensar sobre uma periodização recente em quatro momentos considerados como relevan-

tes para o enquadramento da atual dinâmica e de suas perspectivas. São eles:

- (i) década de 50 - período que ainda expressa a bem simples e tradicional estrutura externa/interna do Estado da Bahia, centrada no modelo-primário exportador, com Salvador exercendo de forma primaz o elo de ligação entre uma antiga economia agrícola comercial e o mundo industrial (SANTOS, 1959);
- (ii) décadas de 60 e 70, sobretudo a última - período que expressa as complexas transformações da estrutura anterior, com significativo crescimento da oferta e da demanda em nível nacional, sobretudo do industrializado Sudeste, provocando, através de fortes mecanismos de indução do Estado, maior dinamismo, integração do mercado interno, com sensíveis mudanças regionais na Bahia, e surgimento de uma mais expressiva organização urbana no interior do Estado, ao mesmo tempo em que a metrópole é obrigada a se transformar profundamente, incorporando uma importante base industrial em torno de Salvador (SILVA e SILVA, 1991);
- (iii) década de 80 - persistência e modificações da oferta e demanda nacionais, embora com certo arrefecimento em decorrência do contexto da crise nacional, início da busca de diversificação e de novas inserções nos mercados externos (mundiais), com destaque para a soja, culturas irrigadas e produtos petroquímicos, maior competição entre os mercados e entre os lugares e microrregiões;
- (iv) década de 90 até hoje - desdobramentos da situação anterior com incremento da competição em nível nacional e, cada vez mais, em nível internacional, impondo a tendência a uma acelerada reestruturação das estratégias empresariais e de Governo, dentro do modelo de maior abertura da economia, resultando em expressivos impactos territoriais.

Em termos resumidos, a Bahia passa de uma situação de típica periferia de base “colonial”, pouco dinâmica e fracamente associada aos setores e à região de maior crescimento do País, a uma outra situação em que, mesmo guardando suas características de periferia, exibe um grande dinamismo com uma maior vinculação com a face moderna da economia nacional e com sensíveis alterações em suas relações com o resto do mundo. Uma comparação entre os períodos mais recentes destaca que, em pouco tempo, a Bahia conseguiu se integrar vantajosamente ao chamado modelo desenvolvimentista nacional, sobretudo de base industrial, com a perspectiva de substituição de importações, e que agora ela tenta se inserir competitivamente no processo de abertura da economia nacional, enfrentando novos desafios, como resultado do processo de globalização.

As mudanças são bastante significativas no curto período de quatro décadas e meia. Assim, vejamos alguns dos indicadores mais expressivos:

- em 1950, a Bahia tinha no setor primário a base de sua economia (38,3% na agropecuária, 14,1% na indústria e 47,6% nos serviços); em 1994 a situação é bastante diferente com 13,8% na agropecuária, 34,0% na indústria e 52,2% nos serviços (CAPES, 1958, p.44 e MENEZES, 1995, p.45).
- em 1970, a Bahia participava do PIB nacional com 3,8% cifra que sobe para 6,1% em 1990 (RODRIGUES, 1993);
- em 1961, a Bahia exportava para o Exterior cerca de 50% a mais do que exportava para o resto do País; em 1971 esta situação passa a ser igualitária e, a partir daí, a Bahia passa a exportar mais para os demais Estados da Federação do que para o mercado externo (SILVA, 1975, p.126);
- em 1970, 64,6% das exportações baianas eram de produtos básicos, 21,2% de semimanufaturados e 13,5% de produtos manufaturados; em 1990 a situação quase que se inverte totalmente com 17,8% de produtos básicos, 28,2% de semimanufaturados e 53,8% de manufaturados (AFFONSO e SILVA, 1995, p.263);
- a partir de 1983, a Bahia passa a apresentar uma situação inusitada em função do impacto das transformações recentes, qual seja, a de ser um Estado periférico capaz de exportar mais para os demais Estados da Federação, inclusive, em alguns anos, até para os Estados centrais, destacando São Paulo, do que importar desses Estados ou regiões (Fonseca, SOUZA e SILVA, 1989; FONSECA, SOUZA e SILVA, 1989/90); por outro lado, como persistiam as balanças superavitárias com o resto do mundo a situação da Bahia era bastante favorável, mesmo em um período de crise e de fortes reajustes da economia nacional, já no contexto da globalização;
- internamente, a primazia de Salvador e de sua região metropolitana é reduzida, apesar da enorme importância de seu contínuo crescimento, agora de base industrial, observando-se um crescimento ainda mais acelerado das chamadas cidades médias que passam a comandar novas ou modificadas atividades econômicas regionais sobretudo para atender às demandas do mercado interno; as cidades médias (centros acima de 50.000 habitantes, sem contar com Salvador), inexistentes em 1950, chegam a 14 em 1991 (SILVA e SILVA, 1991; SILVA e SILVA, 1993); Salvador, por sua vez, passa da posição de 5a. maior cidade brasileira em 1960 para a de 3a. mais importante cidade em 1991, atrás apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro (SILVA, 1991; Censo Demográfico, 1991);

- rompimento dos isolamentos regionais;
- crescimento de grandes empresas baianas que passam a assumir uma posição de destaque no cenário nacional e até internacional (SILVA, 1991).

Em resumo, a maior inserção da economia baiana no contexto da economia brasileira, em um espaço de tempo relativamente curto, trouxe importantes modificações setoriais e espaciais para a Bahia.

As mudanças, em termos explicativos, começam na década de 50 com a combinação de três fatores. O primeiro relaciona-se com o uso eficiente de um recurso natural, o petróleo, o segundo corresponde a uma crescente conscientização regional em torno do planejamento para o desenvolvimento e o terceiro diz respeito às crescentes demandas do modelo desenvolvimentista nacional que passaram a exigir cada vez mais a plena integração do mercado interno nacional. Agora, o desafio é o da inserção, de forma mais dinâmica, nos mercados globais.

2. GLOBALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL NO ESTADO DA BAHIA

É possível afirmar que a dinâmica inserção da economia baiana no contexto da economia nacional tem tido, de maneira geral, um recente prolongamento em termos de uma necessária readaptação geral aos novos e preponderantes processos de globalização e, em termos mais específicos, a globalização já delinea novas estratégias de política econômica e territorial.

2.1 DESDOBRAMENTOS ESTRATÉGICOS DE PROCESSOS ANTERIORES

As realidades vivenciadas após 1990 começam a indicar, em nível nacional, a busca de um novo modelo de desenvolvimento econômico que pudesse substituir o paradigma nacional-desenvolvimentista via substituição de importações. Começa a se observar gradativamente que o novo modelo, no contexto da crescente globalização, teria que ter menor participação do Estado nos setores diretamente produtivos e uma bem maior abertura externa.

No caso da Bahia, observa-se uma tendência a um enxugamento da máquina pública que tem resultado, dentre outros aspectos, em uma participação da folha de pagamento fixada em torno de 60% da arrecadação e em uma capacidade favorável para administrar dívidas anteriores. Com isto, o Estado tem a possibilidade de investir anualmente cerca de 15% de sua receita líquida o que equivale a aproximadamen-

te R\$300 milhões (Quadros, 1995, p.8). O Estado tem buscado também captar mais recursos no País e no Exterior (BNDES, BIRD e BID, por exemplo).

Recentemente, o Estado implantou um programa de demissões voluntárias na área pública tentando diminuir ainda mais o impacto da folha de pessoal e foi sancionada a Lei que autoriza a privatização da primeira - e maior - das grandes empresas públicas do Estado, a COELBA - Cia. de Eletricidade do Estado da Bahia, seguindo a tendência nacional e internacional de redução do papel do Estado.

Como indicadores de um maior envolvimento nos mercados externos, a Bahia tem seguido uma estratégia com os seguintes destaques:

- apoio ao setor de turismo (recuperação do Pelourinho, reforma e ampliação do Centro de Convenções de Salvador, construção da Linha Verde, ligando Salvador e Aracaju, dinamização da promoção do turismo baiano nos mercados nacionais e internacionais, ampliações sucessivas do Aeroporto de Porto Seguro, construção de estradas no Extremo Sul, projeto do Aeroporto de Lençóis, projeto de ampliação do Aeroporto de Salvador, etc.);
- em parte ligado ao item anterior, implantação de um grande projeto de saneamento ambiental da Baía de Todos os Santos, com financiamento do BID, envolvendo recursos da ordem de R\$ 600 milhões;
- criação de um Programa de Promoção do Desenvolvimento da Bahia, com incentivos para grandes investimentos na Bahia;
- em nível empresarial, destacam-se o projeto de duplicação, em execução, da refinaria Landulpho Alves, em Mataripe, os investimentos na indústria petroquímica, com ampliação da capacidade técnica, a retomada dos investimentos em celulose e papel e, finalmente, o dinamismo das culturas de grãos no Oeste e da agricultura irrigada no Baixo Médio São Francisco;
- destaca-se também a implantação de uma Incubadora de Empresas de Base Tecnológica junto ao CEPED - Centro de Pesquisas e Desenvolvimento, órgão do Governo do Estado, e a implantação em termos empresariais de um Pólo de Informática em Ilhéus, a BAHIA TECH, em fase inicial.

Em resumo, o Estado da Bahia, como resultado dos processos de globalização que têm afetado a economia nacional, desenvolve uma estratégia de crescente e agressiva competitividade nos mercados nacionais e, sobretudo, internacionais. Em termos de estratégias desenvolvidas com maior grau de originalidade no período pós-90, destaca-se a grande prioridade que vem sendo dada ao setor de turismo e, em muito menor escala, à implantação da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica e do Pólo de Informática de Ilhéus.

Como indicador da crescente e recente busca de novos mercados externos, em 1994 a Bahia, em sua pauta de exportações e em quantidade, contou com 12,6% de produtos básicos, 24,5% de semimanufaturados e 62,9% de manufaturados, pensando, portanto, a crise das exportações de *commodities* do setor primário, particularmente o cacau, que exportou, em dólares, em 1994 o equivalente a 57,1% do que exportou em 1983. Enquanto isto, a Bahia, no mesmo período, teve um aumento de 53,2% nas exportações de produtos petroquímicos (SEI, 1995, p.384-385 e 388). Portanto, comparando os dados da parte da exportação de 1990, vistos anteriormente, com os de 1994, confirma-se a tendência a uma maior inserção da Bahia no comércio externo.

2.2 IMPACTOS DAS MUDANÇAS RECENTES NA REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL DO ESTADO DA BAHIA

As transformações, como vimos, têm sido significativas no Estado da Bahia em termos de seu dinamismo econômico. Mas elas também já apontam para uma expressiva reestruturação territorial no Estado, com uma tendência para importantes desdobramentos a médio prazo. O dinamismo recente, em resumo, aponta, de um lado, para a continuidade, com modificações, da centralização exercida pela Região Metropolitana de Salvador, e, por outro lado, para processos de descentralização regional e urbana. A seguir, daremos destaque aos mais importantes indicadores sobre as tendências acima apontadas.

2.2.1 AMPLIAÇÃO DA CENTRALIZAÇÃO ECONÔMICA DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

A centralização econômica de Salvador, e de seu entorno imediato, já historicamente constituída, foi sensivelmente estimulada com a atividade industrial. Em meados da década de 60 implanta-se o Centro Industrial de Aratu, com uma infraestrutura compatível para unidades diversificadas de porte médio e grande, beneficiando-se de estímulos, sobretudo fiscais, capitaneados pela SUDENE e pelo Governo do Estado. Pouco a pouco implanta-se um moderno e variado parque fabril dentro de um modelo que, em grande parte, poderia ser chamado de “substituição interna de importações”, ou seja, as novas empresas eram, sobretudo, subsidiárias de indústrias já existentes particularmente no Sudeste que passaram a produzir aqui produtos para os mercados nordestinos, beneficiando-se dos incentivos e outras condições vantajosas. Mas, este modelo não teve um efeito dinamizador expressivo

em função das limitações do mercado e da concorrência direta com unidades produtoras do Sudeste e de outras regiões do País. Crises diversas tem se sucedido até nossos dias.

“As classes empresariais e políticas do Estado começam, a partir daí, a lutar pela implantação de um grande projeto industrial da Bahia, o 2º Pólo Petroquímico do País, com um porte não mais regional mas nacional e internacional. Estabeleceu-se uma forte disputa com os paulistas que queriam a ampliação do 1º Pólo do País, o de Cubatão. Em 1971, finalmente, o Governo Federal decide implantar o 2º Pólo em Camaçari, a 50 km ao Norte de Salvador. O esquema para o financiamento do empreendimento, da ordem de US\$ 6 bilhões, foi o seguinte: 1/3 do capital seria proveniente da Petrobrás, empresa estatal de petróleo, 1/3 de capital externo, sobretudo na forma de tecnologia e, finalmente, 1/3 de empresas privadas nacionais” (SILVA, 1990, p.280).

Em junho de 1978 é iniciada a operação do Pólo. Hoje o complexo integrado envolve 45 empresas, sendo 34 químicas e petroquímicas, com cerca de 14.000 empregos diretos mas o Pólo já chegou a ter 25.000 empregos diretos em 1989 (BARCELAR de ARAÚJO, 1995). Produz mais de 5 milhões de toneladas/ano, com um faturamento anual em torno de US\$ 5 bilhões/ano, exportando US\$ 400 milhões/ano o que representa 30% das exportações baianas, proporção com tendência a crescer nos próximos anos. Os principais mercados são a Europa, Ásia, América Latina, Estados Unidos e África. O Pólo representa, sozinho, 12% do PIB baiano, arrecadando 25% do ICMS do Estado e 90% da arrecadação de Camaçari, município que representa a segunda maior receita de ICMS do Estado da Bahia, depois de Salvador. O Pólo de Camaçari produz mais da metade da produção nacional de petroquímicos. A metalurgia do cobre implanta-se também na área e a siderurgia e outras metalurgias implantam-se na área do Centro Industrial de Aratu.

O impacto do processo recente de industrialização foi muito grande em Salvador e em sua região de influência imediata, mesmo com o Pólo não conseguindo chegar até a fase de produção de bens finais da cadeia petroquímica, especializando-se na produção de bens intermediários. Só agora, em abril de 1996, está sendo inaugurada a primeira fábrica de terceira geração, a de produtos finais, a unidade de produção de chapas de policarbonato, uma resina termoplástica amplamente utilizada nas indústrias automobilística, eletroeletrônica, farmacêutica e de embalagens. A empresa, com tecnologia italiana, liderada por grupos baianos, é associada a um grupo japonês e outros grandes investimentos em Camaçari estão sendo planejados. A região industrial de Salvador, como não poderia deixar de ser, tem várias organizações públicas e privadas que atuam na gestão do setor e em sua integração com o ambiente externo.

Recentemente, é preciso registrar a expansão do setor de turismo e lazer em várias direções, produzindo novas configurações espaciais. Destaca-se o vetor do Litoral Norte (ao longo da Estrada do Coco e agora da Linha Verde, o vetor da Baía de Todos os Santos, especialmente a Ilha de Itaparica e, recentemente, o eixo Acupe-Saubara-Bom Jesus dos Pobres, e o vetor Nazaré-Valença-Morro de São Paulo. Com isto, observa-se uma progressiva e já importante descentralização do setor de turismo e lazer, até há pouco tempo mais restrito ao município de Salvador. É preciso registrar que parte significativa desta recente expansão (e da que deverá ocorrer a curto e médio prazos) diz respeito ao turismo internacional.

No Litoral Norte também deve ser mencionado o reflorestamento, em parte voltado para o consumo interno (Pólo e indústrias de celulose) e em parte expressiva destinado ao mercado externo.

Sintomaticamente, a CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador deixa de atuar somente nos limites dos 10 municípios que compõem oficialmente a Região Metropolitana de Salvador, passando a ter projetos também nos eixos turísticos acima mencionados.

2.2.2. EXEMPLOS DE DESCENTRALIZAÇÃO ECONÔMICO-TERRITORIAL

A maior integração da economia baiana na economia nacional, a partir dos anos 50 e sobretudo 60, já vinha causando mecanismos de descentralização, expressos, dentre outros aspectos, pelo processo de urbanização no interior do Estado (SILVA e SILVA, 1991). A descentralização vai continuar nas décadas seguintes e se acentuar bastante nos últimos anos já como decorrência mais direta de novas articulações externas. Como resultado, temos hoje importantes indicadores de uma nova estruturação do território baiano em que é possível destacar as seguintes áreas e setores de atividade:

- Litoral Sul (faixa litorânea ao Sul e ao Norte de Ilhéus, de Itacaré a Canavieiras)

Com a forte crise da atividade cacauieira, motivada por doenças e pelos baixos preços no mercado internacional, a região de Ilhéus-Itabuna tem procurado diversificar sua base produtiva. Uma das potencialidades dinâmicas tem sido a exploração do turismo em Ilhéus e no seu litoral sul até Canavieiras. Importantes empreendimentos hoteleiros de padrão internacional têm sido construídos na região aumentando sensivelmente o fluxo de turistas. O Governo do Estado acaba de concluir o projeto para a construção do Centro de Convenções de Ilhéus e anuncia, a curto prazo, a construção da rodovia Ilhéus-Itacaré, pelo litoral, e a ampliação do Aeroporto de Ilhéus.

Outra recente estratégia, esta bem recente, é a de implantar a curto prazo um importante pólo tecnológico do setor da informática em Ilhéus com a criação, com o apoio do Estado da Bahia, da empresa BAHIA TECH.

· Extremo Sul do Estado

No Extremo Sul do Estado, destacam-se dois importantes vetores de crescimento ligados ao mercado interno e ao mercado externo, a indústria de papel e celulose e a indústria do turismo.

A primeira indústria expressa-se, inicialmente, na atividade do reflorestamento, com eucaliptos, envolvendo vastas áreas a Leste da BR.101 e ao Sul do rio Jequitinhonha. São quatro as empresas que atuam na silvicultura, na área de Mucuri - Teixeira de Freitas e Itamaraju, totalizando mais de 100.000 ha., a Bahia Sul Celulose, a Aracruz Celulose, a Companhia Agroflorestal e a Floresta Rio Doce. A Bahia Sul Celulose, uma associação entre a Cia. Vale do Rio Doce, a Cia. Suzano de Papel e Celulose e a International Finance Corporation, com apoio do BNDES, localiza-se no município de Mucuri e “prevê a produção anual de 500 mil toneladas de celulose branqueada de fibra curta de eucalipto e 250 mil toneladas/ano de papel de imprimir e escrever, representando investimento de US\$ 1,5 bilhão. A área de influência do projeto inclui ainda os municípios de Nova Viçosa, Caravelas e Teixeira de Freitas. Da produção total de 500 mil toneladas/ano de celulose, 210 mil serão destinadas para a produção de papel, sendo o remanescente distribuído no mercado interno (20%) e externo (80%). Para o papel, o mercado interno absorverá 60% e o externo 40%” (CARNEIRO, 1994, p.33).

Já a Vera Cruz Florestal Ltda. é uma empresa do Grupo Odebrecht que atua na região de Eunápolis. “Possui 2.060 ha com florestas, mas a sua área total é de 47 mil hectares de terras distribuídas nos municípios de Eunápolis, Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte” (CARNEIRO, 1994, p.33). Os investimentos, incluindo a construção de uma fábrica de celulose, deverão atingir, a curto prazo, a cifra de US 1,3 bilhão, produzindo 750 mil toneladas de celulose, sendo 80% destinados ao mercado externo e 20% ao interno.

As áreas interioranas do Extremo Sul da Bahia ofereceram condições bastante favoráveis para a expansão da silvicultura e da indústria de celulose. É uma região quente e úmida, com pluviosidade bem distribuída e as terras tinham acabado de sofrer um rápido e extenso processo de desmatamento, logo após a conclusão da BR.101, em meados da década de 70, passando a apresentar, por conseguinte, boas condições para venda. Isto ao lado de uma diversificada estrutura de captação e gestão de recursos financeiros permitiu estruturar um dinâmico complexo floresta-indústria, contando, inclusive, com mecanismos de proteção ambiental. Com isto, a Bahia, juntando o Extremo Sul e o Litoral Norte, é hoje o sexto Estado da Federação em produção de madeira para papel e celulose.

O segundo grande vetor de crescimento do Extremo Sul é o do turismo ao longo da faixa litorânea. Com a melhoria das condições de acessibilidade, o litoral começa a ser progressivamente “descoberto” para a atividade turística, inicialmente de uma forma espontânea, por indivíduos e por pequenos grupos. As condições regionais apresentavam-se bastante favoráveis com sítios históricos, como o do Descobrimento, áreas remanescentes da Mata Atlântica, Parques (Monte Pascoal e Marinho dos Abrolhos), além das belezas cênicas proporcionadas ao longo do litoral. O crescimento é muito rápido na década de 80. Em 1973, o *Guia Quatro Rodas* registrava para Porto Seguro um só restaurante e um hotel com 13 apartamentos. Em 1995, segundo o mesmo Guia, Porto Seguro (com Arraial d’Ajuda e Trancoso), dispõe de 27 restaurantes, 67 hotéis e 112 pousadas.

Também com base na referida fonte, Salvador está quase sendo alcançada por Porto Seguro em número de leitos de hotel: 10.286 para Salvador e 9.184 para Porto Seguro (SILVA, 1995, p.17).

Nas demais partes do litoral do Extremo Sul do Estado da Bahia, o turismo também cresce mas não com a mesma intensidade da área de Porto Seguro. Mas, mesmo assim, as transformações têm sido importantes.

Por outro lado, é preciso registrar o surgimento de diversas associações e organizações que atuam buscando a valorização e o crescimento da região em seus diversos setores e sub-espacos.

- Região Oeste do Estado

O rápido crescimento da economia do Oeste da Bahia, a partir do início da década de 80, relaciona-se com a introdução e difusão da soja. Foram agricultores do sul do país que realizaram este trabalho, já após os avanços tecnológicos obtidos com a soja nos cerrados da Região Oeste do Brasil. Foram fundamentais os subsídios governamentais e a melhoria da infraestrutura (SANTOS FILHO, 1989 e SILVA, 1989). Empreendimentos familiares, grandes empresas e cooperativas, inclusive associadas a capital estrangeiro, em particular japonês, fixaram-se na área.

“Com a soja, implanta-se na região todo um conjunto de atividades e práticas ligadas à agricultura moderna. Entre 1980/81 e 1985/86, a área plantada com soja se expandiu 143 vezes e a produção em 848 vezes, enquanto crescia também a produção de arroz. Na safra 1991/92, foram produzidas 800 mil toneladas de grãos no Oeste da Bahia (soja, milho, arroz e feijão, sendo 460 mil toneladas de soja). Foram instaladas no município de Barreiras duas plantas industriais de processamento da soja. Estima-se que 230 mil toneladas de soja sejam absorvidas no próprio Nordeste, na forma de óleo e de farelo, sendo exportadas cerca de 140 mil toneladas de farelo”

(BARCELAR de ARAÚJO, 1995, p.135). Os municípios de maior destaque são Barreiras e São Desidério e a Bahia, como um todo, ocupa o oitavo lugar em produção de soja no País.

No Oeste atuam também várias instituições e organizações em defesa dos interesses da região, destacando-se a Associação para o Desenvolvimento do Oeste da Bahia.

· Baixo Médio São Francisco

O complexo agro-industrial da área de Juazeiro/Petrolina começa a se desenvolver nos anos 70 através de investimentos públicos, sobretudo através da CODEVASF - Cia. do Desenvolvimento do Vale do São Francisco e da CHESF - Cia. Hidroelétrica do São Francisco, em grandes projetos de irrigação e em infraestrutura.

“Ao longo dos anos 80, os projetos elevaram a intensidade de uso de capital. Ao mesmo tempo se deu a implantação de grandes projetos de médias empresas nacionais e mesmo internacionais. Nessa época, instalaram-se na área diversas plantas industriais de ramos variados: processamento de alimentos, bens de capital, embalagens, equipamentos para irrigação, materiais de construção, fertilizantes e rações. Nesse período, foram incorporados à agricultura cerca de 56 mil hectares, enquanto o setor industrial gerava cerca de 24 mil empregos” (Bacelar de Araújo, 1995, p.135, com base em diversos autores).

Vale destacar, também, a presença na região, de diversas organizações que atuam visando a solução de problemas e a promoção do desenvolvimento do eixo Juazeiro-Petrolina. Merece ser ressaltada, pelo seu pioneirismo, a criação, em 1988, da VALEXPORT, uma entidade que representa e organiza o empresariado hortifrutigranjeiro como um movimento que procura criar melhores condições de produção, preparação, transporte, armazenamento, comercialização, exportação e promoção de produtos hortifrutigranjeiros no Brasil e no Exterior (CALDAS, 1995, p.113-118). São 41 empresas ou cooperativas que fazem parte da VALEXPORT, todas produtoras e exportadoras de frutas para o mercado nacional e internacional, destacando-se a uva e a manga.

Por outro lado, cresce também a agricultura irrigada no Médio São Francisco, na região de Bom Jesus da Lapa, configurando uma espécie de extensão do eixo Juazeiro-Petrolina.

Em termos potenciais, merece ser destacado o turismo na Chapada Diamantina, em Lençóis e em seu entorno. Anuncia-se para breve a construção do Aeroporto de Lençóis e a inauguração de um hotel 5 estrelas na cidade o que certamente contribuirá para o crescimento do número de turistas, inclusive do exterior.

Concluindo, o impacto da globalização sobre o território estadual já pode ser considerado relevante, embora tudo esteja ainda em sua fase inicial. Estes novos processos de um lado, têm contribuído para modificar e redirecionar setores e espaços modernos da economia baiana, já implementados e dinamizados quando da consolidação da integração da economia nacional (décadas de 60 e 70) e, por outro lado, têm aberto recentemente novas oportunidades e espaços, particularmente nos setores do turismo e, a curto prazo, de novas tecnologias.

Em resumo, os processos estão provocando, ao mesmo tempo, um fortalecimento da concentração metropolitana e uma relativa desconcentração espacial. Como um balanço, há uma forte tendência a uma re-litoralização da economia baiana impulsionada sobretudo pelo turismo mas também pelo complexo floresta-indústria e pelas novas atividades industriais metropolitanas, inclusive de base tecnológica. O turismo, por sinal, está sendo progressivamente responsável pela plena integração do litoral, com a conclusão da rodovia BA.099 - Linha Verde e com a construção, em etapas, da BA.001, ligando a Ilha de Itaparica a Caravelas. Neste sentido, estão sendo finalmente rompidos isolamentos históricos.

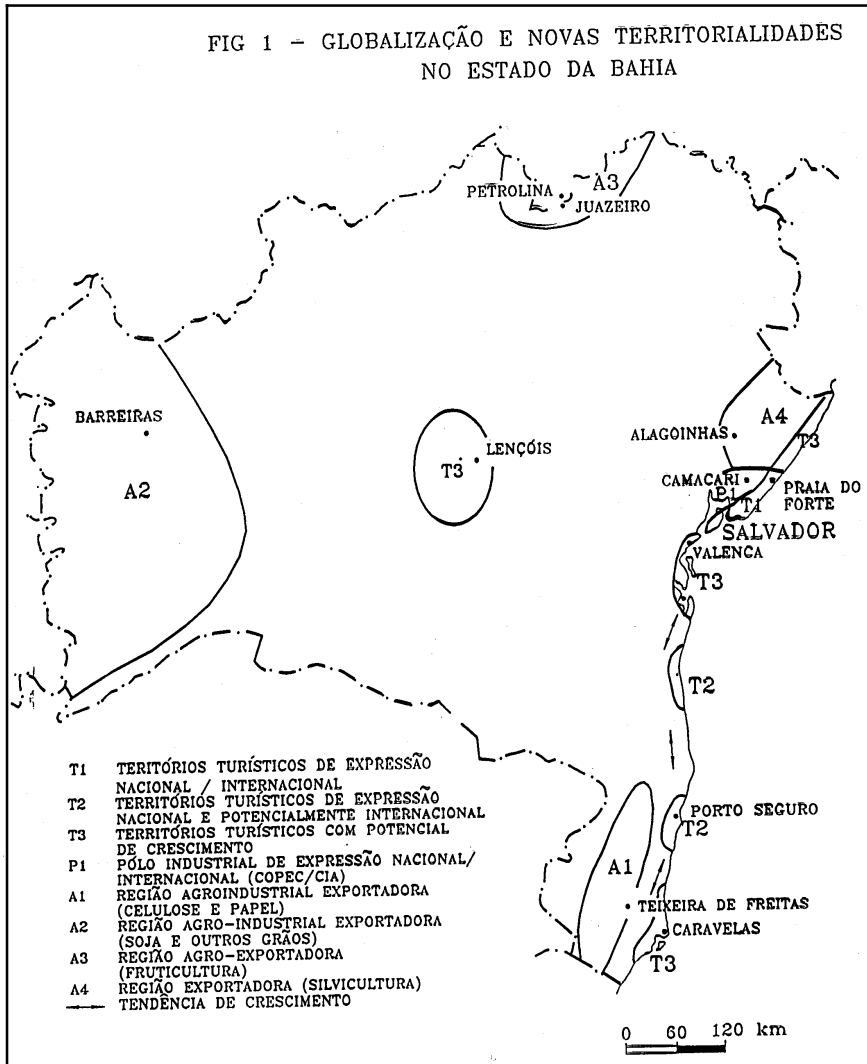
No interior, as áreas mais afetadas pelos processos de abertura da economia brasileira são o Extremo Oeste e o Baixo Médio São Francisco. Há, portanto, grandes áreas do Estado, particularmente do semi-árido, que estão à margem destes processos. É preciso registrar, ainda, que regiões tradicionais da Bahia ligadas ao mercado externo estão em crise, como a região cacauzeira e a sisaleira. A região fumageira, no Recôncavo, foi bastante reduzida mas conhece agora uma estabilização, com uma relativa modernização.

Há, também, regiões com um certo dinamismo que se integram bem aos mercados regional e nacional, como a região de Irecê sobretudo com o feijão, a diversificada região de Feira de Santana e as regiões agro-pastoril de Jequié-Conquista-Itapetinga e Guanambi-Caetité.

A Figura 1 sintetiza as novas territorialidades do Estado diante dos processos de globalização, destacando e qualificando os diferentes espaços turísticos, industriais e agro-industriais. É flagrante a re-litoralização e a emergência de dinâmicas mas restritas regiões no interior do território baiano.

Um aspecto importante a destacar neste novo processo de reestruturação territorial do Estado da Bahia é que ele tem gerado a criação de diversos organismos que atuam efetivamente na gestão do território, o que confirma a tendência de que a globalização, por acentuar a competição interregional, acaba por forçar o surgimento de mecanismos internos que possibilitem aumentar a capacidade dos lugares e das regiões no enfrentamento de novos desafios externos. O maior deles, como de resto do conjunto das regiões periféricas brasileiras, particularmente o Norte e o Nordeste, diz respeito atualmente à tendência já detectada (DINIZ, 1995)

de reconcentração das atividades econômicas no Sudeste e no Sul como decorrência do impacto das novas tecnologias, da formação do bloco econômico do Mercosul e das vantagens comparativas, inclusive ligadas à proximidade, que favorecem as regiões centrais no dinâmico contexto da globalização, como já ficou demonstrado com os novos investimentos industriais do setor automobilístico.



BIBLIOGRAFIA

- AFFONSO, R.de Britto Álvares e SILVA, P.L. Barros (Orgs.). *Desigualdades regionais e desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAÇÃO, Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BACELAR DE ARAÚJO, T. Nordeste, Nordeste: que Nordeste? In: AFFONSO, R.de B.Á. e SILVA, P.L.B. (Orgs.). *Desigualdades regionais e desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAÇÃO, Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1995. p.125-156.
- CALDAS, A. dos Santos. *Novas territorialidades do eixo Juazeiro-Petrolina*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFBA. Salvador, 1995.
- CAPEL. *Estudos de desenvolvimento regional (Bahia)*. Rio de Janeiro, 1958. (Série levantamentos e análises, 5).
- CARNEIRO, R.A. Fortuna. *Impactos da indústria de papel e celulose sobre o Extremo Sul: principais vetores de crescimento*. Salvador: Fundação de Projetos e Estudos, 1994.
- CASTELLS, M. *European cities, the informational society, and the global economy*. Amsterdam: Centre for Metropolitan Research, Amsterdam University, 1992.
- DINIZ, C. Campolina. *A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas*. Brasília: IPEA, 1995. (Texto para discussão n.375).
- FONSECA, A.A.M.; SOUZA, J.,C. e SILVA, S.B. de M. e. Relações comerciais no Brasil: o exemplo do Estado da Bahia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.51, n.3, p.103-112, jul./set.1989.
- FONSECA, A.A.M.; SOUZA, J.,C. e SILVA, S.B. de M. e. Dinâmica das relações comerciais interestaduais brasileiras: 1974-1986. *Revista de Geografia*, São Paulo, v.8/9, p.67-75, 1989/90.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. 2.ed. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JANELLE, D. Spatial reorganization: a model and a concept. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, v.59, p.348-364, 1969.
- KUKLINSKI, A. (Ed.). *Globality versus locality*. Warsaw: University of Warsaw, 1990.

- LOJKINE, J. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MENEZES, V. A economia baiana: desafios, óbices e perspectivas. *Análise & Dados*, Salvador, CEI, v.5, n.3, p.44-58, dez.1995.
- MEYER, W.B. et al. The local-global continuum. In: ABLER, R.F.; MARCUS, M.G.; OLSON, J.M. (Eds.). *Geography's inner worlds*. New Jersey: Rutgers University Press, 1992. p.255-279.
- NAISBITT, J. *Paradoxo global*. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1994.
- QUADROS, M.J. A estratégia do futuro. Balanço Anual Bahia 1995/96, *Gazeta Mercantil*, São Paulo, ano 2, n.2, p.8-10, set.95.
- RODRIGUES, M.C.P. O PIB dos estados brasileiros. *Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, p.82-84, dez.1993.
- SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. *Anuário Estatístico da Bahia 1995*. Salvador, v.9, 1995.
- SANTOS, M. *O centro da cidade do Salvador*. Salvador: Publ. da Universidade da Bahia, 1959.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1994.
- SANTOS FILHO, M. (Coord.). *O processo de urbanização do Oeste baiano*. Recife: SUDENE, 1989.
- SILVA, B.-C. Nentwig. Análise comparativa da posição de Salvador e do Estado da Bahia no cenário nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.53, n.4, p.49-79, out./dez.1991.
- SILVA, B.-C. Nentwig e SILVA, S. Bandeira de Mello e. *Cidade e região no Estado da Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1991.
- SILVA, B.-C. Nentwig e SILVA, S. Bandeira de Mello e. A Bahia urbana no limiar do século XXI: novas projeções. *Análise & Dados*, Salvador, CEI, v.3, n.2, p.49-56, set.1993.
- SILVA, S. Bandeira de Mello e. *Urbanização e desenvolvimento regional no Estado da Bahia: uma visão sistêmica*. Salvador, 1975. Tese para Professor Titular. Instituto de Geociências, UFBA.
- SILVA, S. Bandeira de Mello e. Cartografia da acessibilidade e da interação no Estado da Bahia. *Geografia*, Rio Claro, v.7, n.13/14, p.51-73, out.1982.
- SILVA, S. Bandeira de Mello e. Elaboração de um programa de desenvolvimento de uma "região nova": o caso do Oeste da Bahia. *Geografia*, Rio Claro, v.14, n.27, p.77-91, abr.1989.

- SILVA, S. Bandeira de Mello e. Os processos contemporâneos na modelação regional com base em um exemplo brasileiro: o caso do Estado da Bahia. *Actas Latinoamericanas de Varsovia*, Varsovia, t.11, p. 275-282, 1990.
- SILVA, S. Bandeira de Mello e. Geografia, turismo e crescimento: o exemplo do Estado da Bahia. Apresentado na Mesa Redonda sobre o Turismo no Nordeste. *Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo*. São Paulo, 16 a 22 de julho de 1995.
- TUAN, YI-FU. *Cosmos and hearth. A cosmopolite's viewpoint*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- WALLERSTEIN, I. *The capitalist world economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- WALLERSTEIN, I. *The politics of the world economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.